

ANÁLISE DIACRÔNICA DA SEMÂNTICA DO SUFIXO –AGEM EM PALAVRAS FORMADAS NO SÉCULO XII, XIII E XIV

Anielle Aparecida Gomes GONÇALVES¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar o conteúdo semântico dos primeiros vocábulos formados em língua portuguesa com o sufixo *–agem*, cujo aparecimento se deu no século XII. O *corpus* utilizado nesta pesquisa, por sua vez, constitui-se numa relação de palavras do português atual, catalogadas pelo grupo de pesquisa “Morfologia Histórica do Português”, atuante na Universidade de São Paulo. A partir dessa listagem de palavras formadas pelo sufixo *–agem* e triagem do material coletado pelo critério diacrônico, são feitas paráfrases das palavras a partir de sua origem, com o intuito de conhecer as acepções que os sufixos possuíam, obtendo-se, assim, a categoria semântica de cada sufixo sob uma perspectiva diacrônica. Nas análises feitas, percebe-se que o sufixo *–agem* dá origem, majoritariamente, a denominais, e que, entre estes está a acepção de conjunto, parafraseável por “conjunto de X” (sendo X uma base nominal), a mais antiga e mais famosa das acepções.

PALAVRAS-CHAVE: sufixo; morfologia histórica; semântica; *–agem*.

Introdução

O estudo dos sufixos, sob o ponto de vista histórico, é muito pouco abordado. Alguns autores ao estudar este tema, somente citam os principais sufixos e mostram sua semântica de um modo geral. A semântica evidenciada, no entanto, raramente corresponde à significação da origem dos mesmos, mas a um significado posteriormente adquirido.

A mesma abordagem superficial ocorre no estudo sincrônico dos sufixos. Alguns renomados autores da gramática tradicional, por exemplo, registram a principal acepção do sufixo e dão poucos exemplos das palavras relacionadas a este significado, como podemos ver:

¹ USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Rua Visconde do Bom Retiro 143, ap. 17 – 05362-060 – São Paulo – SP – Brasil. Endereço eletrônico: anielleaparecida@yahoo.com.br

Rocha Lima (1962)

Sufixos latinos:

–AGEM (forma substantivos de substantivos)

aprendizagem, estiagem, ferragem, folhagem, malandragem, vadiagem.

Cunha & Cintra (2001)

Sufixos nominais que formam substantivos de outros substantivos:

SUFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
–agem	a) noção coletiva b) ato ou estado	folhagem, plumagem aprendizagem, ladroagem

Bechara (2005)

I – *Principais sufixos formadores de substantivos:*

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

–agem: vadiagem

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

–agem: folhagem

III – *Principais sufixos para formar adjetivos:*

–ático: problemático, aromático

Em sua *Gramática normativa da língua portuguesa*, Rocha Lima (1962) expõe que os sufixos são vazios de significação e têm por finalidade formar séries de palavras da mesma categoria gramatical, diferentemente dos prefixos, que guardam certo sentido, com o qual modificam, de maneira mais ou menos clara, o sentido da palavra primitiva. Assim, por exemplo, “o único papel do sufixo *ez* é criar substantivos abstratos, tirados

de adjetivos: *altivo – altivez; estúpido – estupidez; malvado – malvadez; surdo – surdez, etc*” (ROCHA LIMA, 1962, p.192).

Rio-Torto (1998) menciona que há muitos equívocos em relação a esse tema, por se deixar de lado o fato de que as palavras e suas partes não foram formadas hoje, mas possuem uma origem e uma carga histórica que explicam muitos fatos da nossa época. Os modelos de análise exclusivamente sincrônicos, sejam de caráter estruturalista ou gerativista, não revelam a adequação operatória suficiente para analisar convenientemente estes tipos de unidades lexicais. Não se trata de defender uma abordagem e negar outra, mas de unir as duas em suas devidas abrangências e delimitações para a compreensão do fenômeno como um todo. Pode haver, assim, um proveitoso concurso das duas abordagens no campo da formação das palavras, pois uma análise somente sincrônica pode distorcer ou falsear a verdade histórica dos fatos e, subseqüentemente, do presente das unidades lexicais.

Silva (1989) considera que, na situação em que se encontra ainda hoje o conhecimento do português antigo e de suas origens, assistemático e atomizado, a descrição e sua respectiva organização, a partir de documentação a mais exaustiva possível, é uma etapa necessária que, além de descrever um quadro sincrônico, fornecerá elementos para trabalhos de outra natureza, trabalhos estes de especulação teórica sobre mudanças ocorridas no português, quer sejam de orientação estruturalista, gerativista, “tradicional” ou de outras.

Da teoria

O propósito de analisar os referidos sufixos para a compreensão do seu processo de funcionamento tem como ponto de partida os dados empíricos do *corpora* sob análise para, indutivamente, chegar-se aos mecanismos lingüísticos em vigor, uma vez que se trata da análise de fatos do desempenho lingüístico de uma sincronia do passado. De acordo com este ponto de vista, deve-se partir da análise indutiva da documentação em causa para daí apresentar uma descrição organizada dos fatos lingüísticos. Desse modo, a apreensão das regras que governam a organização do processo de formação de palavras se dá a partir do próprio objeto de análise.

Esse protótipo afasta, portanto, o modelo ou modelos gerativo-transformacionais que operam dedutivamente a partir de hipóteses a serem testadas pelo analista. Rio-Torto (1998), por exemplo, deixa explícito em seu trabalho que não se vincula a um modelo teórico específico, já que a análise levada a cabo incorpora e abrange aspectos de quadros teóricos diversos, em vista a uma coerente, operatória e multifacetada análise da realidade morfológica. Dada a sua complexidade, a formação de palavras é uma área de atividade lingüística cuja especificidade e cujo lugar têm sido e continuam a ser objeto de concepções substancialmente diversas.

Do método de trabalho

O método que seguimos é naturalmente o histórico, pois, partindo da forma original dos sufixos, examinaremos a sua função primitiva e se sua função atual corresponde à antiga, e, caso não corresponda, qual a sua nova função.

Nosso trabalho começa a partir de uma listagem de palavras formadas pelo sufixo *-agem*, feita sobre o *corpus* do dicionário *Houaiss* (2001), na qual se encontraram 21

ocorrências de palavras constituídas por este sufixo e outras duas palavras formadas pelo sufixo *-ugem*, que possuem a mesma origem do sufixo *-agem*. Após esse processo de seleção de dados, pesquisou-se a etimologia da palavra com o intuito de saber sua origem, pois pode advir do latim clássico, do latim vulgar, do latim medieval, do francês, do provençal, ou ainda podem ser geradas a partir da própria língua portuguesa. Como etapa posterior, há a comparação da palavra portuguesa com palavras de outras línguas, que podem ser românicas ou não.

Em seguida, far-se-ão paráfrases das palavras, com o intento de se conhecer as acepções que o sufixo possui e separar a paráfrase que contém o sentido inicial da palavra, que não é necessariamente a acepção corrente, para se obter a categoria semântica do sufixo sob uma perspectiva diacrônica. Como exemplo de semântica inicial que um sufixo encerra, há o vocábulo *portagem* (do lat. *portāticum*), em que o sufixo *-agem*, nesse caso, forma substantivos do gênero feminino, indicando um sistema de taxa de impostos. As paráfrases foram feitas a partir da obra de Rio-Torto (1998).

Das palavras analisadas

As 21 primeiras palavras com o sufixo *-agem* em língua portuguesa são:

Séc. XII: *linhagem*;

Séc. XIII: *carceragem, estalagem, imagem, linguagem, menagem, mensagem, peagem, viagem*;

Séc. XIV: *ancoragem, vantagem, beberagem, braçagem, cavalagem, homenagem, hospedagem, passagem, pilhagem, plumagem, salvagem, vassalagem*.

As duas únicas palavras com o sufixo *-ugem* são do século XIV: *ferrugem* e *lanugem*.

Destas 23 primeiras palavras, 4 podem não são usadas atualmente no português brasileiro, enquanto as 19 restantes são comuns e bastante utilizadas.

Vamos agora à análise de algumas das principais palavras, mostrando sua origem, etimologia, presença em outras línguas e, ao final, à paráfrase, com o intuito de descobrir a primeira acepção do sufixo:

• ***Linhagem***

Segundo consta, esta é a palavra mais antiga da língua portuguesa. O *Houaiss* data-a como sendo do ano de 1188, cujo significado inicial é “série de gerações; linha de parentesco; genealogia, estirpe”, o qual se mantém até os dias atuais. O dicionário ainda acrescenta que sua origem se deu no francês antigo *lignage*, do substantivo *ligne*+*-age* (1050).

O ano de 1188 foi retirado do *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (DELP), que também informa a origem francesa. Adiciona ainda que *liagem* é do mesmo século, isto é, do séc. XII. No *Vocabulário portuguez e latino* (VPL), atestam-se as duas formas e *liagem*, por sua vez, é “um pano como de estopa, mas melhor e mais fino; vem de fora do Reino, e é muito conhecido”. O mesmo dicionário informa que *linhagem* é um nome derivado do latim *linea*, como acontece com *linguagem*, proveniente, de acordo com Bluteau, do latim *lingua*. *Linhagem* significa descendência: “linhagem, geralmente falando, é o mesmo que geração”.

A forma francesa *lignage* é do séc. XI, de *ligne*+ *-age*, de acordo com o *Le nouveau Petit Robert* (LNPR), como já atestado pelo *Houaiss*. O *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua* (DENF) acrescenta que *lignage* é proveniente do antigo provençal *linhatge*. O *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico* (DCECH) declara que a forma atual *linaje* era *lignage* no princípio do séc. XIII, tomado do catalão *llinatge*, dissimilação de *llinyatge*. O autor do mesmo dicionário expõe que uma pessoa perguntou por que *lignage* veio do catalão e não do francês ou do occitano, já que nestas línguas se documenta desde o séc. XI. Ele responde que ainda que seja assim, no estado da filologia francesa e catalã, ter uma palavra documentada no séc. XIII no catalão e no séc. XI no francês é indício de grande antigüidade tanto em uma como na outra.

Lignaggio aparece no italiano no séc. XIII, possuindo a forma *lengnaggio*; também é de origem francesa (*Dizionario Etimologico Italiano*, DEI); *lignaggio* é precisamente de 1292, informa o *Dizionario Etimologico della Lingua Italiana* (DELI). O inglês *lineage* tem, atualmente, um uso somente literário, segundo o *Oxford English Dictionary* (OED). Sua datação é de 1330, do antigo francês *lignage*, *linage*.

Assim, o português *linhagem*, pelo que foi analisado, tem procedência no antigo francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “conjunto de X”, REL. QNT

• **Linguagem**

O *Houaiss* afirma que *linguagem* (séc. XIII) foi formado a partir do substantivo *língua* + *-agem*, por influência do provençal *lenguatge*, e obteve as seguintes formas no decorrer dos séculos: *lenguages* (séc. XIII), *linguagem* (séc. XIV), *lenguagees* (séc. XIV), *lingoagem* (séc. XIV), *linguaiem* (séc. XIV), *linguoajem* (séc. XIV), *linguagen*

(séc. XIV), *linguegem* (séc. XV), *lynguagem* (séc. XV). O DELP atesta a mesma origem, comunicando que *linguagem* deve ser adaptação do provençal, com evidente influência de *língua*. No VPL também há *linguagem*.

O LNPR apresenta *langage* (anterior a 1160) > *lengatge* (anterior a 980), do substantivo *langue*, com acepções modernas (“expressão fônica do pensamento”, “meio expressivo”). Significações mais antigas são de origem provençal (“idioma, fala, língua”). O DELP expõe que o primeiro significado de *linguagem* em nosso idioma é “português”, e provavelmente pouco posterior aparece com um adjetivo determinativo (“língua hebraica”, por exemplo).

O DCECH expõe que *lenguaje* foi tomado ou do antigo provençal *lengatge*, graças à poesia trovadoresca, ou do catalão *llenguatge*. Em italiano, *linguaggio* (séc. XIII) é uma adaptação do provençal ou do francês (DEI). O inglês *language* (1290) é proveniente do fr. *langage*, de acordo com o OED.

Trata-se certamente de palavra formada no provençal, cujas acepções modernas são adaptações do francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “situação em que há X”, REL. TIP

• **Peagem**

Peagem, de acordo com o *Houaiss*, é uma palavra antiga, cujo significado é o mesmo de *pedágio*. Proveniente do francês *péage* (cerca de 1150), possui o seguinte conteúdo semântico: “direito ou taxa de passagem cobrada para se atravessar um caminho, uma estrada, uma ponte etc”. O DELP informa a mesma origem francesa e que *péage* descende do latim vulgar **pedāticu-*, propriamente “direito de pôr o pé”;

sobre sua datação no português, ela é incerta, segundo o dicionário, sendo talvez do séc. XIII.

No VPL não há informação sobre este vocábulo.

O LNPR (1993) informa que a forma francesa *péage* é uma palavra anterior a 1150, que assumia a forma *paage*, do latim popular **pedāticum* (“direito de pôr o pé [pes, pedis], de passar”). No espanhol, *peaje* é da segunda metade do séc. XIII, originário ou do francês ou do catalão *peatge* (DCECH). A forma italiana *peaggio* (séc. XVIII) é de origem francesa; de mesma origem, o inglês *peage* (1456) é uma forma obsoleta, segundo o OED.

Em nenhum dicionário latino foi encontrado o vocábulo **pedāticum*; em Ernout & Meillet há **pēdātio*.

Trata-se de um decalque do francês.

Paráfrase do valor semântico do sufixo: “sistema associado a X”, REL. ATV

Sem citar a etimologia das outras palavras, devido à limitação de espaço, as outras palavras possuem as seguintes paráfrases:

ancoragem = “ação ou estado decorrente de X”, ACT. RES

vantagem = “que está na posição X”, REL. TIP

beberagem = “substância química associada a X”, REL. TAX

braçagem = “atividade associada a X”, REL. ATV

carceragem = “sistema associado a X”, REL. ATV

cavalagem = “situação em que se V X”, REL. TIP

estalagem = “que está na posição (de) X”, REL. TIP

imagem = sufixo não-parafra-seável devido à obscuridade da raiz

lanugem = “conjunto de X”, REL. QNT

ferrugem = “substância química associada a X”, REL. TAX

homenagem = “situação em que se V X”, REL. TIP

hospedagem = “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

menagem = “situação em que se V X”, REL. TIP

mensagem = “estado decorrente de X^v”, ACT. RES

passagem = “ação ou estado decorrente de X^{v2}”, ACT. RES

pilhagem = “ação de X^v”, ACT. MOV

plumagem = “conjunto de X”, REL. QNT

salvagem = “que é próprio de X”, REL. TIP

vassalagem = “que está na posição (de) X”, REL. TIP

viagem = “ação de V em X”, ACT. MOV

Na **regra de formação de palavras (RFP)**, há um grupo de sufixos que constroem substantivos e adjetivos denominais **relacionais (REL)**, genericamente parafra-seáveis por “relativo a X”, “em relação com X”. Esta significação genérica admite diversas variantes, determinadas pela semântica da base e do afixo. São exemplos dessas variantes: a de **posse (PSS)**; a de **procedência** ou **gentílico (GEN)**; a de **similitude** ou de **semelhança (SEM)**; a de **tipicidade (TIP)**; a de **filiação (FIL)**. É importante lembrar que a base das palavras desta classe são nomes.

Algumas importantes palavras em língua portuguesa formadas com os sufixos estudados pertencem à classe **REL** que produzem *nomina quantitatis (QNT)*, parafra-seáveis por “conjunto de X”, onde X expressa a base da qual se formou a palavra

derivada. Neste grupo se produziu a primeira palavra formada pelo sufixo *-agem*, o já citado *linhagem*, e também a primeira palavra com *-ugem*, que é *lanugem* (séc. XIV).

À classe relacional também pertence a subclasse *tipicidade (TIP)*, que é parafraseável por: “que é típico de X”, “que é próprio de X”, “que é característico de X”, “que pertence a X”, “situação em que há X”, “situação em que se V X”, “que está na posição (de) X”. Nesta subclasse há um grande número de palavras, produzidas no início da língua portuguesa: *vantagem*, *cavalagem*, *estalagem*, *homenagem*, *menagem*, *salvagem*, *vassalagem*.

Outra subclasse que os sufixos estudados abrangem é a de *atividade (ATV)*. Nesta subclasse, as paráfrases são: “atividade associada a X”, “ideologia associada a X”, “filosofia associada a X”, “sistema associado a X”. *Peagem*, de origem francesa, parafraseável por “sistema associado a X”, exemplifica um uso que o sufixo não possui mais hoje, que é a idéia de pagamento de um imposto. Na *taxonomia (TAX)*, por sua vez, as paráfrases são: “táxon cujo gênero-tipo é X”, “mineral associado a X”, “substância química associada a X”.

Os nomes pertencentes à *classe de ação* são formados a partir de verbos, possuindo, assim, uma base cuja semântica expressa uma ação. Os sufixos estudados neste trabalho abrangem subclasses como *local da ação (LCA)*, *movimento (MOV)*, *transitivo (TRS)* e *resultado (RES)*.

Rio-Torto (1998: 119) define “*nomina actionis*” como nomes deverbais parafraseáveis por “o fato de V” ou “ação/ processo e/ ou resultado da ação/ processo de V”. Para ela, “*actionis*” recobre a manifestação ou a ocorrência de V (V = verbo subentendido não explícito na base), qualquer que seja a natureza semântica de V. Assim, de acordo com esta definição, para nós, todas as subclasses presentes na classe de ação são “*nomina actionis*”, já que todas possuem uma base verbal. A partir destas

paráfrases dadas por Rio-Torto para definir esta classe de “*nomina actionis*”, formaram-se três subclasses: a de *movimento* (**MOV**), *transitivo* (**TRS**) e *resultado* (**RES**)³.

Os sufixos que estão na subclasse *movimento* (**MOV**) expressam apenas o deslocamento de um ser ou se referem ao próprio deslocamento, parafraseáveis por “o fato de X^v”, “ação de X^v”, “processo de X^v”. Aqui não há a presença explícita de um agente ou paciente fazendo a ação, concentrando-se, assim, somente na ação.

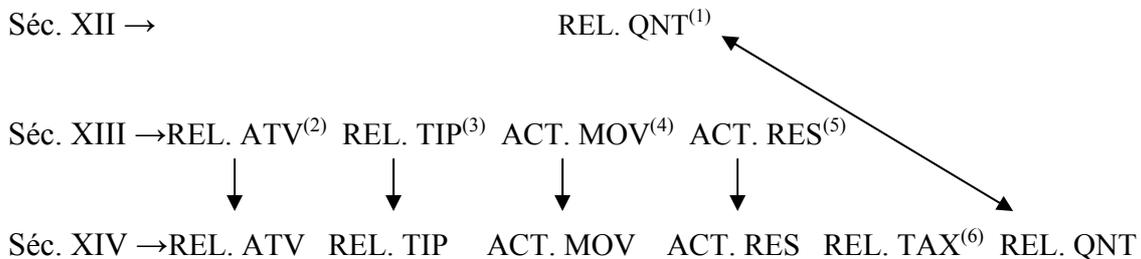
Na subclasse *resultado* (**RES**), há um grande número de elementos envolvidos na ação, em que sua semântica pode envolver a ação em si, o processo pelo qual passa esta ação e o resultado da mesma. Assim, tem-se uma série de fases pela qual passa uma ação desencadeada. As paráfrases presentes neste grupo são: “o fato de X^v”, “ação de X^v”, “processo de X^v”, “estado decorrente de X^v”. Pode-se exemplificar estes elos com o vocábulo *lavagem*, pois há neste vocábulo derivado três valores semânticos: a ação de lavar, o processo de lavar e o estado decorrente de lavar. Neste grupo concentram-se grande parte das palavras derivadas compostas pelos sufixos estudados, principalmente as formadas a partir do século XIX. *Passagem* é um exemplo dos primeiros tempos em que o sufixo possui esta acepção.

Da discussão dos resultados

De acordo com as palavras analisadas, temos a seguinte ordem de surgimento dos significados:

³ Algumas subclasses e suas respectivas siglas foram decididas em reuniões do GMHP no ano de 2006 e constam do Manual.

ÁRVORE GENEALÓGICA DOS PRIMEIROS SIGNIFICADOS DE *-AGEM* E *-UGEM*



- (1) X]_{agem} = “conjunto de X”
- (2) X]_{agem} = “atividade associada a X”, “sistema associado a X”
- (3) X]_{agem} = “que está na posição X”, “situação em que se V X”
- (4) X^V]_{agem} = “ação de X^V”, “ação de V em X”
- (5) X^V]_{agem} = “ação ou estado decorrente de X^V”, “estado decorrente de X^V”
- (6) X]_{agem} = “substância química associada a X”

A acepção de conjunto, apesar de presente em poucas palavras, se estabeleceu fortemente desde sua origem e está em vigor até os dias atuais. A partir do séc. XIII, o sufixo passa a apresentar várias acepções, as quais todas se repetem no séc. XIV, além da criação de outra subclasse, a REL. TAX. O sufixo *-ugem* é um representante desta nova subclasse, além de reforçar a acepção de conjunto, em *lanugem*. Os “nomina actionis” deverbais, parafraseáveis por “ação, processo, estado decorrente de X”, em que há grande número de elementos envolvidos, está presente desde os primeiros tempos do sufixo e hoje é a significação mais produtiva.

Referências bibliográficas

- BATTISTI, Carlo & ALESSO, Giovanni. *Dizionario etimologico italiano*. Firenze: Barbera, 1950 – 1957. 5 v.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de JESU, 1712-1728. 10 v. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/>>.
- COROMINAS, Joan. *Diccionario critico etimologico castellano e hispanico*. Madrid: Gredos, 1991. 6 v.
- CORTELAZZO, Manlio & ZOLLI, Paolo. *Dizionario Etimologico della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli, 1988. 5 v.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ERNOUT, Alfred & MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. 3. ed. Paris: C. Klincksieck, 1951, 2 vols.
- HOUAISS, Antonio. VILLAR, Mauro (Org.). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1952 – 1959. 2 v.
- MURRAY, James Augustus Henry et al. *The Oxford English dictionary: being a corrected re-issue with an introduction, supplement, and bibliography of A new English dictionary on historical principles, founded mainly on the materials collected by the Philological Society*. Oxford: Clarendon Press, 1933. 12 v.
- REY-DEBOVE, Josette. *Le nouveau petit robert*. Paris: Le Robert, 1995.
- RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora, 1998.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & CIA, 1962.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Estruturas Trecentistas. Para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.